

## **“A VIRGEM SANTÍSSIMA DO QUARTO DE JOANA” E “O ERRO DE SÁ RITA” DE BERNARDO ÉLIS: TROPOLOGIA DO DISCURSO SOBRE AS PERSONAGENS FEMININAS**

*“A VIRGEM SANTÍSSIMA DO QUARTO DE JOANA” AND “O ERRO DE SÁ RITA” BY BERNARDO ÉLIS: TOPOLOGY OF DISCOURSE ON FEMALE CHARACTERS*

**Bruna Carla Martins Ramos**

Universidade Estadual de Goiás (UEG)  
bruna19carlaramos@hotmail.com

**Márcia Maria de Melo Araújo**

Universidade Estadual de Goiás (UEG)  
marcimelo@gmail.com

**Resumo.** O presente trabalho tem como objetivo discutir questões essenciais que envolvem a representação da figura feminina em contos de Bernardo Élis, por meio de uma análise tropológica em que se evidenciam estereótipos presentes no discurso especificamente do sertão de Goiás. O *corpus* da investigação se pauta nos contos “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana” e “O Erro de Sá Rita”, ambos presentes na obra *Ermos e gerais* publicada em 1944, do citado escritor goiano. Entre os resultados esperados com a pesquisa está o conhecimento a respeito das figuras de linguagem que expressam relação opressora a que as classes marginalizadas estão submetidas, principalmente as mulheres. No caso dos contos investigados, espera-se também contribuir epistemologicamente com pesquisas que tenham como objetivo conhecer a obra bernardiana.

**Palavras-Chaves.** Bernardo Élis; Literatura Goiana; Tropos; Representação Feminina.

**Abstract.** The present work aims to discuss essential issues that involve the representation of the female figure in short stories by Bernardo Élis, through a tropological analysis in which stereotypes constructed in the discourse specifically in the backlands of Goiás are evidenced. The corpus of the investigation is based on the short stories “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana” and “O Erro de Sá Rita”, both present in the work “Ermos e gerais” published in 1944, by the writer from Goiás. The results that are expected from this research will be knowledge about the figures of speech that express the oppressive relationship to which marginalized classes are subjected, in the case of short stories: specifically and the rural woman, epistemologically contributing to research aimed at knowing a little bit of the bernardian work.

**Keywords.** Bernardo Élis; Goiana Literature; Tropes; Female Representation.

## Introdução

Por meio de uma análise tropológica pode-se entender como se estabelecem os estereótipos relacionados ideologicamente à figura da mulher. Assim, este estudo trata da representação da figura feminina nos contos “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana” e “O Erro de Sá Rita” de Bernardo Élis. No que se refere aos contos de Bernardo Élis, as figuras de linguagem assumem uma feição de denúncia e podem ajudar a entender os estereótipos que cercam as mulheres em sociedade.

Segundo Hayden White (2014), a natureza humana, por sua complexidade, pode não ser revelada integralmente por meio do conhecimento científico. No entanto podemos saber mais sobre ela por outro meio, “o tipo de conhecimento que a literatura e a arte em geral nos fornecem em exemplos facilmente reconhecíveis” (p. 38).

Nesse sentido, a teoria tropológica do discurso nos permite compreender a continuidade existencial, conforme explica Du Marsais (1757) citado por Kern (2011, p. 360):

Os Tropos são figuras [de linguagem] pelas quais se faz com que uma palavra assuma uma significação que não é precisamente a significação própria dessa palavra. [...]. Essas figuras são chamadas de tropos, do grego tropé, conversio, cuja raiz é trépo, verto, eu viro. Elas são assim chamadas porque quando tomamos uma palavra no sentido figurado, nós a torcemos a fim de fazê-la significar o que de modo algum significaria no sentido próprio.

Os tropos possibilitam uma plurissignificação de sentidos, dessa forma nos auxilia no entendimento da (des)construção discursiva ou do sentido que uma palavra pode assumir em determinado contexto, tanto no mundo ficcional quanto no real. Há evidentemente uma maior possibilidade de se refletir sobre o significado como recurso retórico, pois os tropos são figuras de linguagem, e permitem uma flexibilidade sobre o discurso estereotipado das classes oprimidas.

Nesse sentido, as descrições das personagens femininas dos contos investigados – “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana” e “O Erro de Sá Rita” – mostram, por meio de figuras de linguagem como tropos de figuração, metáforas, metonímias, sinédoques e ironias, a mulher coisificada/animalizada, rotulada, sem domínio de sua própria existência, inadaptada ao ambiente em que vive.

### **(Des)construção discursivas sobre personagens femininas**

A literatura goiana com o passar dos anos vem conquistando o cenário literário nacional, e muitos escritores vêm sendo citados e ganhando destaque. Em especial este pequeno estudo não destoa dessa crescente valorização das obras goianas, dessa forma coloca em foco os contos: “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana” e “O Erro de Sá Rita” do escritor Bernardo Élis, tendo como problemática central a situação estereotipada da figura feminina na construção das personagens e nos discursos que as envolvem. Mas antes de adentrar nos contos citados cabe uma breve apresentação do autor goiano aqui mencionado.

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu em Corumbá de Goiás no dia 15 de novembro de 1915, filho do poeta Érico José Curado e de Marieta Fleury Curado, foi alfabetizado em casa pelo seu pai. Já aos doze anos demonstrou interesse pela escrita, escrevendo seu primeiro conto ainda muito jovem. Em 1944, com 29 anos publicou seu primeiro livro, *Ermos e gerais*, essa obra lhe rendeu inúmeros elogios da crítica nacional, e neste mesmo ano se casou com a poetisa Violeta Metran. No ano seguinte se formou em direito e fundou a Associação Brasileira de Escritores em Goiânia. Sua biografia é extensa mas tentamos ser sucintas: foi professor, contista, palestrante, recebeu vários prêmios, inclusive o Prêmio Jabuti dois anos consecutivos, ocupa a cadeira número 1 na Academia Brasileira de Letras e seu livro *O Tronco* foi adaptado para o cinema, além de outras obras que também tiveram relevância para o cenário literário. Faleceu em 30 de novembro em 1997.

As obras bernardianas se destacam pelo tom regionalista do escritor, em que ele busca nas suas raízes interioranas descrever costumes, crenças e a simplicidade de um povo. Além disso, transporta seu leitor para paisagens típicas de um Goiás agrário, em processo de desenvolvimento, sob comando de coronéis e latifundiários. Entretanto, ao mesmo tempo que retrata a singeleza da vida interiorana, o escritor levanta uma série de questionamentos sobre os dilemas do sertanejo, a representação da mulher, as relações de poder e os problemas sociais que envolvem o negro e o índio. E todos esses questionamentos não se esgotam, pois percebemos neles problemas bem atuais.

Retomando o foco do estudo, e se voltando para a análise da representação da figura feminina em contos de Bernardo Élis, iniciamos com “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana”. O conto está no livro *Ermos e gerais*, publicado em 1944. Joana, personagem central do conto, é uma moça que na infância fora adotada pelo Coronel Rufo e sua esposa dona Fausta. Vivia como agregada, fazendo pequenos serviços na casa em que foi acolhida, como cozinhar

e buscar água. Mas a situação toma novos rumos quando a menina começa a adquirir traços de mulher, e desperta a cobiça dos homens. Joana acaba engravidando de Dedé, filho do coronel, e para evitar um escândalo na cidade ela é forçada a se casar com Bento (o coveiro).

Desde criança, Joana ouvira histórias tenebrosas sobre o coveiro, como ele comer crianças, e dentro de seu imaginário formaram-se crenças e superstições a respeito, portanto tinha medo dele. Apesar disso, Bento e Joana casam-se na igreja como o coronel havia combinado. Passado um tempo, nasce o filho dela com Dedé e Bento parece não se importar, tratava bem o menino, inclusive beijava as coxinhas do bebê e isso a incomodava.

Em meio a essa situação, Joana engravida novamente, agora o pai da criança é seu marido, por quem ela tem nojo, e passa a sentir isso também pela criança em seu ventre. Ao contrário de Joana, Bento espera a chegada do filho com alegria, começa a modificar seus hábitos, compra utensílios domésticos e até fica mais tempo em casa. Quando chega a hora do nascimento, a criança nasce morta e é enrolada em uns trapos. Bento chega bêbado e vê seu filho tão esperado naquelas condições, ele fica desnorteado, ao olhar para o lado vê a perna gordinha e saudável do filho de Dedé, ele investe em cima da criança e a morde.

Joana atordoada e cansada pelo parto, acorda e entre cansaço e realidade vê o marido debruçado sobre o filho, vê o rosto sujo de sangue, vê a criança mordida, aparecendo o osso. Ela pega o filho e se agacha em um canto e tenta dar de mamar para a criança para fazê-la parar de chorar. No dia seguinte, o delegado e o médico da cidade, que era Dedé, já não podem fazer nada por Joana.

O conto inicia-se pelo final, recurso usado, geralmente, para prender o leitor. A narrativa desenvolve-se entre o presente da história, em que o delegado e o doutor encontram Joana quase desfalecida e a criança morta, e o passado em que o narrador conta a história de Joana. Já, de início, vê-se a marca estereotipada da figura feminina ao ser retratada como objeto sexual por seus dotes físicos:

O doutor afastou-se cauteloso. Podia saltar um salpico de sangue no seu linho. E quase abstraído, falou para dentro de si: - Esta pequena era um colosso!  
Foi quando o delegado entrou na conversa:  
- Você é que soube aproveitar, seu sacana!  
Agora a mulher estrebuchava molemente, como uma chama que se estivesse apagando num sepulcro.  
E o doutor enxergou-a novinha, toda nua, trêmula, gemendo de luxúria, na sensualidade brutal de seus amores clandestinos. (p. 156).

A imagem de Joana é ressaltada pelo doutor de corpo nu e erotizado, “gemendo de luxúria” e sensualidade, características que a apontam presa aos sentidos. Em outros momentos

da narrativa, notamos como Joana é animalizada e coisificada como objeto cobiçado e que precisa ser guardada para que os “machos” não se sintam atraídos por ela: “Dona Fausta, mulher do coronel, proibiu Joana de ir ao chafariz da Carioca buscar água - a rapaziada estava se adiantando com a moça: - Filha alheia, comadre, brasa no seio. É o que digo sempre, é o que digo...” (ÉLIS, 2005, p. 157).

O suposto resguardo da imagem da menina/mulher nos leva à reflexão sobre o porquê de a mulher precisa ser “guardada” para que o homem não a perturbe ou se sinta atraído por ela. Trata-se de antiga tradição estrategicamente retórica da realidade feminina, que encontra-se disseminada de forma significativa na percepção e julgamento sobre a natureza e o corpo da mulher, passada de geração em geração. Revelando-se como um palimpsesto, essa retórica cultural e ideológica de que a mulher precisa de controle sustenta-se retoricamente de tropologias, das quais as mais abrangentes são as da naturalização, da infantilização e da animalização (FONSECA, 2011).

Duas frases chamam a nossa atenção na narrativa: - Esta pequena era um colosso (mencionada pelo Doutor/Dedé) e - Essa pequena tá ficano um taco (mencionada pelo Coronel Rufo). Ambas colaboram para a construção de aspectos da condição feminina e a estilização de seu corpo. A respeito da situação das mulheres dessa época e contexto geográfico, confirmam-se as condições precárias a que era submetida a mulher sem recursos materiais e econômicos, exposta às ideologias de uma sociedade misógina e patriarcal como a do sertão goiano.

Em outra passagem da narrativa, o que vai se perceber é uma menina oprimida e coisificada como objeto de consumo, a partir do seu desabrochar como mulher.

A pequena, entretanto, começou a desenvolver as formas de mulher de uma maneira tão bela, que **punha água na boca** de todo mundo. O coronel mesmo **gostava de lamber com os olhos** as pernas da menina, **as suas formas que esmurravam as vestes** numa **ânsia selvagem** de espaço, de infinito. O coronel, circunspecto, muito senhor de si, comia o bigodão branco e suas pupilas se cobriam de um palor vítreo de lascívia senil. Chegava a confessar nas rodinhas da Cambaúba: - **Essa pequena tá ficano um taco**. (ÉLIS, 2005, p. 157, grifos nossos).

Em alguns trechos do excerto apresentado, reforça-se a condição estereotipada da figura feminina: um objeto/animal prestes a ser devorado, a servir como alimento sexual. Os trechos a que se referem o comentário podem ser percebidos nas seguintes expressões destacadas na citação em negrito: “punha água na boca”, “gostava de lamber com os olhos”. Essas expressões utilizadas para referir-se à Joana a igualam a algo que mexe com o apetite.

Em outros trechos podem ser percebidos a animalização feminina e o caráter selvagem da mulher vistos pela ótica masculina, como exemplificado em “as suas formas que esmurravam suas vestes”, “ânsia selvagem”, dando a compreender que metaforicamente habita uma força animal na personagem feminina, uma fera, que precisa/ ser domada/tomada/usada/possuída.

A subserviência a que Joana é submetida e os estereótipos em torno dela são reforçados pela expressão “se perdeu”, usada na fala do coronel quando descobre que a personagem está grávida: “Entretanto, uma tarde seu Rufo chamou Joana à sala, e sério, mordendo a bigodeira ruça de sarro: - Eu sei que você se perdeu e chamei você aqui para saber quem foi que te fez mal.” (ÉLIS, 2005, p. 157). Ao enfatizar que Joana está “perdida”, quer dizer que ela já não é pura e virgem, sem dignidade ao casamento, o Coronel mostra uma visão comprometida com as suas prerrogativas ideológicas e políticas preconceituosas em termos da mentalidade sobre a mulher. Ele associa a ideia de perda da virgindade por força de um tópico popular e universal, evidente nas características de uma sociedade marcada pelo patriarcalismo. Além de reforçar a ideia de que a virgindade era essencial para que houvesse o casamento, e Joana não estava mais apta a se casar conforme as convenções religiosas, o coronel negocia o enlace de Joana com Bento, o coveiro, para livrar seu filho Dedé de uma relação não satisfatória para a sua família.

Figura de linguagem presente na narrativa, a comparação relaciona a figura da personagem a uma “cadela”, “cachorra”, a um ser animalizado, irracional, que por instinto faz sexo. Parece-nos que o problema vivido pela personagem está relacionado a sua falta de projeção social e econômica, pois o coronel não quer que seu filho se case com qualquer uma, comportamento praticado na capital e nas cidades do interior goiano, como demonstram os aspectos históricos:

A análise do fenômeno oligárquico em Goiás, no período de 1889 a 1930, permite constatar que era prática cotidiana na Capital e nas demais cidades goianas, as famílias de relativa projeção social e econômica buscarem a união conjugal como forma de estreitar seu poder. Por isso, segundo Moraes (1974), formou-se uma tradição de casamentos endogâmico. Porém, quando isso era inviável as famílias importantes entrelaçavam-se com outras famílias de renome. (FERREIRA, 1998, p.27).

Assim, as relações matrimoniais visavam também uma união de interesses, tanto de bens quanto a ascensão do nome das famílias envolvidas neste processo. Quando a personagem relata que está grávida do filho do coronel, a repulsa é imediata: “[...] - Tá pono culpa no meu filho, cachorra! Essas cadela são desse jeito. Arranjam pança e vão pôr culpa em gente de casa.

Cê besta! Meu filho vai casando com criadinha? Não se enxerga?” (ÉLIS, 2005, p. 157). Na construção do processo discursivo e narrativo, a utilização de vocábulos depreciativos mostra a visão do “colonizador” imbrincada no discurso ideológico do coronel em relação a Joana. Os aspectos negativos são utilizados para qualificar a natureza de Joana, associando-a à luxúria, à incontinência, à falta de discernimento e ao engano.

Essa breve discussão do conto nos faz questionar até que ponto a ficção se apropria do real, ou vice-versa, pois a condição de ser mulher ainda é muito desafiadora. Mesmo o conto fazendo referência a uma sociedade do século XIX não destoa do contexto atual, em que muitas mulheres passam por situações semelhantes e são maltratadas, coisificadas e julgadas. Além disso, chama atenção o fato de que:

A mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos enfadada ilusão de imobilidade. Auto-sacrificada, submissa sexual e materialmente e reclusa com rigor, à imagem da mulher de elite opõem-se a promiscuidade e a lascívia da mulher de classe subalterna [...] (DEL PRIORE, 1994, p. 11).

A verificação dessa ambiguidade ideológica da mulher da elite em oposição à mulher da classe subalterna, como afirma Del Priore (1994), se presentifica não só em “Virgem Santíssima do Quarto de Joana” como em vários outros contos de Bernardo Élis. A saber, investigamos o conto intitulado “O Erro de Sá Rita”, que também faz parte de *Ermos e gerais*, e tem como personagem central uma mulher que se chama Rita. Assim como a narrativa anterior, a análise desse conto se volta para a força dos tropos como recurso discursivo de estereótipos voltados para a figura feminina. A personagem logo de início é rotulada como desmancha-prazeres pelo seu tio. Tudo começa pelo seu nascimento prematuro, sete meses, e o falecimento de sua mãe por complicações do parto, além de ser fruto de um relacionamento curto.

À medida que a menina cresce, torna-se mais indesejada; não tem amigas, provoca brigas entre os familiares, conta sobre os namoros escondidos das tias. Com o falecimento da avó vai morar com parentes, já se tornara mulher e continua a causar problemas, aonde vai sempre acontece algo de ruim. Outra coisa de que gosta é ir à igreja, sempre se senta no mesmo lugar, mas até lá é malquerida, pois sempre tosse na hora do evangelho e atrapalha os outros. E, como de esperado, seu falecimento também causa aborrecimentos, não pelo seu óbito, mas por atrapalhar, com seu velório, a festa mais esperada pela cidade: o centenário de comemoração.

O conto retrata uma figura feminina associada ao mau agouro, como pode ser observando no seguinte excerto: “Era como o tio tenente dizia sempre:- Rita é uma desmancha- prazeres. Ela própria reconhecia isso, mas que havia de fazer? Era sorte.” (ÉLIS, 2005, p. 217). A visão masculina de um tio que ocupa o cargo de militar, simboliza hierarquia e autoridade, coloca a personagem em posição de inferioridade e submissão, ao ponto de acreditar que está predestinada ou que precisa aceitar os dissabores de sua existência.

A narrativa segue deixando nítido o incômodo que a personagem causa durante todo o conto: “Rita sobrou como um trambolho. Seu erro todo foi aparecer naquele amor.” (Élis, 2005, p. 217), como se pode observar na utilização do vocábulo “trambolho”, o que dá ideia de algo inútil/empecilho/objeto e não um ser humano. Além de ressaltar outras palavras como “sobrou”, “erro”, podendo ser comparada ao resto, algo que não agrega, e a noção de erro representa aspectos históricos e culturais de famílias que repudiavam o nascimento de crianças resultantes de gravidez fora do casamento.

Telma Mendonça Loures (2010), em sua pesquisa sobre os sentidos do silêncio nos contos de Bernardo Élis, observa que o silêncio pode ser sentido pelo preconceito:

O mecanismo para produzi-lo é a evidência de passagens que demonstram a aversão que as pessoas nutrem pela protagonista. Enxotando Sá Rita, as personagens, de certa forma, apedrejam sua mãe pelo fato de ela ter mantido um relacionamento íntimo fora do casamento. A essa mãe é negado o nome próprio. Ela é apresentada apenas como mulher que se engravida de um estudante também indefinido. Ela morre no parto, nem por isso deixa de ser tachada de desonrada. (LOURES, 2010, p. 49).

Loures (2010) aponta na caracterização das personagens, seus medos, inseguranças e as relações sociais como fatores que estabelecem ou ajudam a reforçar a posição dos dominantes e o assujeitamento dos dominados. Ao enxotar Sá Rita, as personagens acabam revelando seus preconceitos em relação à mãe da protagonista, preconceito que é estendido a Sá Rita. E como pondera o narrador: “seu erro foi aparecer naquele amor”.

Em partes do discurso narrativo/descritivo, até as vestes da personagem são comparadas a dejetos humanos, em palavras populares “fezes”, visto no excerto destacado: [...] lá vinha sá Rita com seu vestido **cor de obra de menino novo** e sombrinha de seda cor de vagalume morto!” (ÉLIS, 2005, p.219, grifos nossos). Mesmo que haja uma suavização do termo por meio do eufemismo, ele causa repulsa geral, até seu modo de vestir provoca desconforto nos outros.

É nesse sentido que o conto nos faz questionar a posição da mulher rejeitada na sociedade, principalmente por sua família. Uma figura ridicularizada e um estorvo, em outras

palavras, um mau agouro. Até mesmo no dia de sua morte acaba por “atrapalhar” as festividades da cidade: “resolveu morrer no dia em que se comemorava o centenário da cidade” (ÉLIS, 2005, p. 219). Trata-se de uma inadaptação da mulher ao meio em que vive. Na construção da personagem sobressaem transcrições que Bernardo Élis usa com maestria para levar à reflexão de cada um de nós, leitores.

### Considerações possíveis

Durante a discussão aqui desenvolvida notamos o quanto a narrativa bernardiana levanta questões atuais, principalmente no que envolve a representação da figura feminina e sua posição na sociedade. Utilizamos dos tropos para provocar uma análise discursiva das duas personagens femininas dos contos de Bernardo Élis, escolhidas para este estudo, e compreendermos a força dessas figuras de linguagem na (des) construção dos estereótipos que envolvem a mulher.

Com expressividade significativa, a linguagem carrega em si uma carga simbólica em constante transformação. Considerando o processo de transformação do ser social, a linguagem, da mesma forma, se metamorfoseia por si própria. Nesse sentido é que as figuras de linguagem – os tropos – são exemplos de como tanto a fala quanto o ser humano vivem esse transformar constante.

Assim, o mundo diegético pode se contextualizar com várias situações vividas por tantas outras Joanas e Ritas no âmbito não ficcional. Diante disso entender que a literatura não tem compromisso com as verdades sociais, mas as desvela com muita maestria, a fim de que se percebam as relações sociais opressoras, principalmente no que diz respeito à mulher marginalizada.

Importante e necessária é a nossa atitude diante de ideologias conflitantes. E a literatura pode nos levar a reconhecer diferentes estratégias e a lidar com a realidade e as implicações éticas, no dizer de White, de verdades naturais ou estabelecidas.

### Referências

DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

ÉLIS, Bernardo. *Ermos e Gerais*. 10ª Ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.

FERREIRA, G. T da S. O coronelismo no Estado de Goiás (1889 – 1930): As construções feitas do fenômeno pela história e pela literatura. In: CHAUL, N. F. *Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*. Goiânia: Kelps, 1998. p. 11-74.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. *Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil*. Bauru, SP: Edusc, 2011.

KERN, D.P. M. *Breve História de Tropologia Literária: Os tropos principais e os chicogoans*. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/26.pdf> . Acesso em: 04 de out. de 2021.

LOURES, Telma Mendonça. *Os sentidos do silêncio nos contos de Bernardo Élis*. Dissertação [Mestrado em Literatura e Crítica Literária. Goiânia: PUC Goiás, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3283/1/TELMA%20MENDONCA%20LOURES.pdf>. Acesso em: 04 set. 2021.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. De Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. (Ensaio de Cultura; 6).

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Bruna Carla Martins Ramos**

Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (2010) e também em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2017). Foi aluna do Programa de Pós-graduação Lato Sensu - Docência: Interdisciplinaridade e Demandas Contemporâneas da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Itapuranga, foi admitida como aluna regular (2021) do curso de pós-graduação strictu sensu, nível mestrado, em Língua, Literatura e Interculturalidade, pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, cidade de Goiás. Bolsista da FAPEG - Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de Goiás. Atuou como professora temporária de Língua Portuguesa e Produção Textual no Ensino Médio da rede pública, em turmas de segunda e terceira séries e também no Ensino Fundamental como Professora de Língua Portuguesa no Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás em Itapuranga-GO. Tem experiência em produção textual e corretora de redação.

### **Márcia Maria de Melo Araújo**

Pós-doutora pelo Programa de Pós-doutorado no Exterior da CAPES com o projeto "As imagens femininas na lírica galego-portuguesa", com supervisão da professora catedrática Doutora Maria Laura Bettencourt Pires do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. O projeto recebeu apoio e fomento por meio da CAPES. Pós-doutora pela Universidade Federal de Goiás, com o projeto "Fontes e influências disseminadoras da representação da mulher na literatura medieval: em defesa da mulher", com supervisão do professor Doutor Pedro Carlos Louzada Fonseca. Doutora e Mestre em Letras e Linguística na área de Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Bacharel em Letras e Licenciada em Português pela Universidade Federal de Goiás. Docente efetivo da Universidade Estadual de Goiás e do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP), certificado pelo CNPq/UEG. Membro do GT de Estudos Medievais da ANPOLL. Atualmente desenvolve pesquisas na área de literaturas de língua portuguesa, com temáticas sobre representação da mulher, literatura medieval, ensino de literatura, leitura e formação do leitor literário.

---

*Recebido em setembro de 2021*

*Aceito para publicação em novembro de 2021*

*Publicado em novembro de 2021*